

NARRATIVAS, VIVÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO HUMANA DE NEGROS HOMOSSEXUAIS NO ENSINO SUPERIOR

NARRATIVES, EXPERIENCES AND HUMAN FORMATION PERSPECTIVES OF BLACK QUEER STUDENTS IN HIGHER EDUCATION

Pedro Ivo Silva,

Raimundo Marcio Mota de Castro

1 Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de CSEH/UEG.

2 Doutor em Educação e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: O trabalho aqui apresentado é um recorte da pesquisa em andamento desenvolvida no PPG-IELT/UEG, na linha ‘Educação, Escola e Tecnologias’, cujo objetivo geral está em desvelar os sentidos e as implicações formativas no ensino superior que emergem das histórias de vida dos sujeitos constituídos na intersecção identitária entre negritude e homoafetividade. O aporte teórico utilizado refere-se à construção das identidades ligadas às relações étnico-raciais negras (RIBEIRO, 1995; MUNANGA, 2009; GARCIA, 2012) e às minorias sexuais (VECCHIATTI, 2012), bem como sua expressividade no campo educativo brasileiro, observando-se a sintonia de tal discussão com a desconstrução dos sentidos hegemônicos ocidentais de formação humana. Esse posicionamento tem sido assumido contemporaneamente por vertentes crítica e revolucionária do multiculturalismo (MCLAREN, 2000a, 2000b), a teoria *queer* (LOURO, 2015; MISKOLCI, 2015) e uma aproximação da teoria interseccional com essa temática (CRENSHAW, 1989; LORDE, [1983] 2009). Com base nos pressupostos constituintes dos estudos qualitativos e do método fenomenológico (SANDERS, 1982; MOREIRA, 2004), a entrevista aberta e os relatos autobiográficos (narrativas) de integrantes do ‘Coletivo Afrobixas’ – grupamento surgido na Universidade de Brasília, de militância social prioritariamente negra, mas que também contempla questões voltadas para a homoafetividade de seus membros – foram utilizados como instrumentos de pesquisa. As análises feitas até o momento têm demonstrado que as vivências formativas no ensino superior dos entrevistados encontram-se pautadas nos aspectos positivos e negativos da construção interseccional de sua(s) identidade(s) como negros homossexuais ao longo de suas vidas, sendo que sua participação no ‘Coletivo Afrobixas’ tem contribuído para a (res)significação dessa(s) identidade(s) e para a reflexão crítica sobre a normalização de modelos e valores socialmente hegemônicos, primeiramente no âmbito universitário e posteriormente no âmbito social, como meio de traçar caminhos de empoderamento pessoal e coletivo desses participantes.

Palavras-chave: Negritude. Homoafetividade. Interseccionalidade. Vivências. Fenomenologia.

Abstract: This work presents part of a research in progress developed at the post graduation program PPG-IELT/UEG, in Education, School and Technologies, and it aims to reveal the meanings and implications of human formation in higher education that emerge from life histories of the participants about their intersectional identity between blackness and homosexuality. The theoretical approach refers to the construction of identities linked to black ethnic-racial relations (RIBEIRO, 1995; MUNANGA, 2009; GARCIA, 2012), as well as its expression in the Brazilian educational field, observing the harmony of such discussion with the deconstruction of Western hegemonic meanings of human, which have been assumed, lately, by studies regarding critical and revolutionary aspects of multiculturalism (MCLAREN, 2000a, 2000b), queer theory (LOURO, 2015; MISKOLCI, 2015) and an approximation of intersectional theory with this theme (CRENSHAW, 1989; LORDE [1983] 2009). This research uses open interview and autobiographical reports of members of the 'Coletivo Afrobixas'. This collective consists of a group created at the University of Brasília that gives priority to black activism, but also includes the concern with the homosexuality of its members, based on constituent assumptions of qualitative studies and Phenomenology (SANDERS, 1982; MOREIRA, 2004). Data analysis have shown that the formative experiences in higher education of respondents are guided by the positive and negative aspects of intersectional building of their black queer identity(ies) throughout their lives, and their participation in the 'Coletivo Afrobixas' has contributed to the (re)significance of this/these identity(ies) and critical reflection on the normalization of models and socially hegemonic values, first in the university and later in the social sphere as a means of tracing paths of personal and collective empowerment of its participants.

Key words: Negritude. Queer. Intersectionality. Experiences. Phenomenology.

Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa qualitativa (SANDERS, 1982; MOREIRA 2004) em andamento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na linha de pesquisa 'Educação, Escola e Tecnologias', apresentando-se como subpesquisa do projeto 'Diversidade, Educação e Religião: narrativas e (auto)biografias'. Tenho buscado nesta investigação dar enfoque às histórias de vida de negros homossexuais no ensino superior – que estejam cursando ou que tenham passado por essa modalidade de ensino. Para contemplar este tema, a questão de pesquisa a que tenho me atido é: 'que sentidos e implicações de formação humana no ensino superior emergem de histórias de vidas constituídas na intersecção das identidades de negritude e homoafetividade?'. Na expectativa de responder a tal questão, estabeleci como objetivo geral de pesquisa desvelar vivências e perspectivas formativas no ensino superior que emergem das histórias de vida desses participantes.

Nesse esteio, os objetivos específicos desdobram-se em: 1) compreender os processos de construção de sua(s) identidade(s) – no que se refere a 'ser negro homossexual na sociedade' –, revelados em suas narrativas autobiográficas; 2) identificar saberes desses

participantes em relação ao tema abordado no âmbito de sua formação educativa; 3) descrever significados surgidos de suas vivências e perspectivas de formação no ensino superior, conforme a temática proposta. Com o intuito de ir ao encontro de tais objetivos, apresento a seguir um breve relato de minhas experiências pessoais e profissionais, no que tange à problematização e justificativa que me despertaram o interesse pelo tema da pesquisa proposto.

As questões a que me ative em minha prática docente desde o término da graduação pautaram-se no entendimento de que tal prática prescindia da compreensão dos aspectos multiculturais da cultura brasileira, no que concerne à pluralidade de identidades culturais e heterogeneidade do ambiente escolar, como apontam as diretrizes do Parecer nº 003/04 do Conselho Nacional de Educação – CNE (BRASIL, 2004), em especial devido às inquietações surgidas com as experiências de preconceito e discriminação raciais vistos, ouvidos e vivenciados no dia a dia da escola. Para além das questões multiculturais, o trabalho docente tem me exigido olhares mais amplos para as vivências discentes, como as de diversidade de orientação sexual e de relações de gênero, temas também abordados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) para trabalho pedagógico de professores e professoras, mas que minha formação inicial não abordou de maneira consistente em suas disciplinas ao longo do curso de graduação, tanto no que se refere a questões étnico-raciais como sobre diversidade de orientação sexual e relações de gênero¹.

Com essas vivências profissionais, e que perpassavam igualmente minha dimensão pessoal de vida, fui capaz de despertar para a consciência sobre as diversas dificuldades em que vivem as minorias sociais, em que pese sua falta de acesso a direitos ligados a bens materiais, reconhecimento e participação, essenciais para a noção de justiça social (FRASER, 1996), de modo que passou a me interessar a investigação sobre experiências, influências na formação humana e construção de identidade(s) de negros homossexuais, para além de suas especificidades isoladas, especialmente após contato com os integrantes do ‘Coletivo Afrobixas’, um grupamento surgido na Universidade de Brasília (UnB), de militância prioritariamente negra, mas que também trabalha em intersecção com questões ligadas à homoafetividade.

¹ Refiro-me ao curso de Letras, da Universidade de Brasília, na habilitação ‘Português do Brasil como Segunda Língua’ e ao currículo desta e de demais habilitações. Para conferência sobre a falta dessa temática no referido curso, ver currículo, disciplinas e suas ementas na página eletrônica do Instituto de Letras – IL. Disponível em: <http://www.il.unb.br/>, acesso em: 26/05/2016.

Nesse sentido, a correlação entre diversos aspectos identitários dos participantes de pesquisa contatados dentro desse coletivo tem sido analisada com base nas investigações ligadas às relações étnico-raciais negras (RIBEIRO, 1995; MUNANGA, 2009; GARCIA, 2012) e às minorias sexuais (VECCHIATTI, 2012; LOURO, 2015; MISKOLCI, 2015), também observando a interligação dessa discussão com a teoria interseccional (CRENSHAW, 1989; LORDE, [1983] 2009).

Relações étnico-raciais negras e Teoria *Queer*: um entrecruzamento possível?

A ideia de ‘democracial racial’ existente no Brasil tem perdurado no imaginário coletivo de sua população, embora pesquisadores como Ribeiro (1995) tenham tentado desmistificar essa negação da existência de desigualdades raciais no País. Tal ideia não se sustenta diante da realidade de opiniões, comportamentos e preconceitos entre os brasileiros, pois “ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática” (BRASIL, 2004, p. 14). Diante dessa constatação, a emergência de discussões sobre as relações étnico-raciais negras² proporcionadas pela luta do Movimento Negro (MN), desde o início do século XX, direciona-se na contramão dos discursos racistas que se baseiam em um código moral e estético, tomado pelo grupo hegemônico, que inferioriza e desconsidera as manifestações políticas, culturais, éticas ou estéticas negras nas relações sociais diárias, muitas vezes de maneira velada (GARCIA, 2012).

Concepções sociológicas e educativas contra esse projeto hegemônico de relações étnico-raciais e de formação humana pautadas no eurocentrismo (MUNANGA, 2009), como é o caso do multiculturalismo³, estiveram relacionadas às ações preconizadas pelo MN – como também às lutas próprias de outros movimentos sociais –, especialmente nas vertentes crítica e revolucionária. McLaren (2000a, p. 123) entende que o multiculturalismo crítico e de resistência “compreende a representação da raça, classe e gênero como resultado de lutas sociais sobre signos e significações e, neste sentido, [...] enfatiza a tarefa de transformar as

² O termo ‘negras’ que adoto nas expressões ‘relações étnico-raciais negras’ ou ‘educação das relações étnico-raciais negras’ parte do pressuposto maior de que as relações étnico-raciais contemplam variadas raças/etnias que constituem uma sociedade como a brasileira, portanto tornou-se mais pertinente nesta pesquisa o uso dessas expressões ligado ao que enfatiza o Parecer nº 003/04 do Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre o contexto das relações entre brancos/as e negros/as ser muitas vezes conflituoso, culminando em preconceitos e discriminações contra estes/as últimos/as (BRASIL, 2004).

³ O multiculturalismo surge no Brasil nas primeiras décadas do século XX, associado às lutas sociais negras, mas somente encontra apoio acadêmico entre os anos 80 e 90 em diante (ALBUQUERQUE e BRANDIM, 2008).

relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados”. Já em uma perspectiva pós-crítica, o multiculturalismo revolucionário pretende combater não apenas a mudança discursiva nas relações sociais, mas também reconstruir toda a estrutura que as cerca, indo além da apropriação cultural pelos oprimidos ou de sua experiência de vida (MCLAREN, 2000b), isto é, “uma política de Estado para a inclusão e empoderamento dos que se encontram à margem do poder” (SANTOS, 2011).

O sentido de ‘empoderamento’ proposto pelo multiculturalismo revolucionário dialoga com a concepção crítica desse conceito como “um processo de ação social no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder” (BAQUERO, 2012). Este conceito encontra suas bases nas reflexões de Freire (1987) sobre a libertação do oprimido se dar pela tomada coletiva de consciência e ação política na sociedade, o que pode também contemplar, nessa linha de raciocínio, o empoderamento daqueles e daquelas enquadrados/as nas chamadas ‘minorias sexuais’, entendidos/as como “pessoas que são discriminadas por conta de sua orientação sexual, sua identidade de gênero ou por sua intersexualidade” (VECCHIATTI, 2012, p. 37).

Sobre a temática ligada à diversidade de orientação sexual e às questões de gênero, interessa à pesquisa o desenvolvimento do *Queer* teórica e politicamente como “impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais” (MISKOLCI, 2015, p. 21). De maneira desconstrutiva e problematizadora a **Teoria Queer** surge contra discursos de normalização do corpo e de comportamentos sociais, questiona as noções clássicas de sujeito e identidade, encabeça a crítica à heteronormatividade compulsória e à relação binária heterossexualidade/homossexualidade (LOURO, 2015). Nesse entendimento, é possível que práticas pautadas por tal teoria caminhem ao encontro de outras identidades sexuais e de grupos identitários como os de raça, nacionalidade ou classe, de tal forma que a instabilidade das identidades e sua fluidez questionem processos em que uns se encontrem normalizados e outros marginalizados (LOURO, 2015).

Ainda que seja possível o estudo em separado de categorias de raça, classe e gênero em suas particularidades próprias, suas intersecções vêm sendo estudadas por pesquisadoras do feminismo negro desde a década de 80, como por Lorde ([1983] 2009), cujos estudos e vivências revelam as formas em que o sexismo, racismo e homofobia estão interligados de

uma maneira complexa e cheia de nuances. Sua análise contribuiu para o desenvolvimento da teoria de interseccionalidade, de Kimberle Crenshaw (1989), para quem injustiças e desigualdades sociais sistêmicas ocorrem em uma base multidimensional, sendo que conceituações clássicas de opressão dentro da sociedade – tais como por raça, classe ou gênero – não agem independentemente umas das outras, mas se inter-relacionam, configurando seu caráter interseccional.

A teoria interseccional pode abrir espaço para o diálogo entre questões raciais e de sexualidade, bem como dessas com questões de gênero e suas expressividades, uma vez que processos normalizadores interseccionam-se na sociedade, urgindo o desenvolvimento de uma epistemologia do abjeto como resistência, o que busca a Teoria *Queer* (MISKOLCI, 2007). Nessa perspectiva, raça e sexualidade têm contribuído para a desigualdade de sujeitos no seio da sociedade “daí a relação intrínseca entre elas que justifica a análise da racialização do sexo e da sexualização da raça como um processo normalizador duplamente naturalizante e subordinador que marca a história e a dinâmica das relações sociais das sociedades pós-coloniais” (MISKOLCI, 2007, p. 13-14).

Metodologia

Dentro dos estudos de natureza qualitativa, as bases metodológicas da pesquisa aqui proposta aproximam-se da Fenomenologia, preconizada por seus fundadores Franz Brentano (1838-1917) e Edmund Husserl (1859-1938). Na interpretação fenomenológica deste último e com base no desenvolvimento de seus pressupostos sobre a constituição do ‘método fenomenológico’, autores como Sanders (1982), Ribeiro Júnior (2003) e Moreira (2004) afirmam a eficácia de tal método na interpretação da realidade pelas vivências, experiências e sentidos dos fenômenos para os sujeitos.

Seguindo este entendimento, busco analisar as ‘narrativas autobiográficas’ dos participantes de pesquisa obtidas por meio da ‘entrevista aberta’, sendo estes instrumentos possíveis de serem associados ao referido método (SANDERS, 1982; MOREIRA, 2004). Sanders (1982) argumenta que as entrevistas realizadas devem ser a base para o pesquisador aprofundar sua análise na reinterpretação de suas próprias anotações com a ajuda das palavras reais transcritas dos participantes, desenvolvendo uma explicação do fenômeno investigado.

Contatamos os participantes da pesquisa dentre os membros do ‘Coletivo Afrobixas’ e apresentamos a seguir trechos das narrativas autobiográficas das entrevistas de dois deles,

Danilo e Malcolm⁴. O primeiro, com 21 anos, é estudante do Curso de Letras - PBSL⁵ na UnB; o segundo, com 23 anos, é professor de Inglês, licenciado em Letras – Inglês, pela Universidade Paulista (UNIP). Esses entrevistados cederam suas narrativas com base na pergunta de roteiro ‘que vivências, percepções e/ou perspectivas - positivas ou negativas – diante da(s) identidade(s) de negro homossexual você poderia nos relatar sobre sua formação educativa no ensino superior?’, expondo suas vivências de negros homossexuais no ensino superior e de participação em um coletivo.

O Coletivo Afrobixas: identidade e empoderamento de negros homossexuais

Um coletivo é um grupamento que nasce dentro de um movimento social promovendo acolhimento, discussão política e ação social de pessoas que se identificam com seus objetivos propostos (COLETIVO DE AÇÃO SOCIAL, 2012). O surgimento do ‘Coletivo Afrobixas’ deu-se em novembro de 2015, após uma roda de conversa organizada pelo Coletivo Negras Vidas, filiado ao Movimento Negro, na Semana de Consciência Negra, ocorrida na Universidade de Brasília (UnB). Nesse evento, negros homossexuais relataram suas experiências de enfrentamento do racismo e da homofobia e dessa roda de conversa nasceu a ideia, dentre seus participantes, de organizarem um novo coletivo, com uma identidade específica para tais questões, o ‘Afrobixas’. Atualmente seus membros, sejam universitários ou não, estão para além do número daqueles estudantes da UnB que o fundaram. O termo ‘bixas’ foi adotado após assembleia como representativo de uma das faces de identidade do coletivo para a realidade de seus membros que, além de identificarem-se como negros, encontravam identificação também como pessoas fora dos padrões de normalização de comportamentos sociais esperados para homens e mulheres, aproximando-se conceitualmente do que autores como Miskolci (2015) e Louro (2015) explanam sobre o termo *queer* e sua utilização política e teórica.

Na análise desses trechos em correlação com o restante de suas narrativas e da descrição que fazem de suas vivências sobre a temática apresentada, duas invariáveis ou temas foram encontradas, a saber ‘identidade’ e ‘empoderamento’.

⁴ Os nomes reais dos entrevistados foram preservados conforme o termo de consentimento livre e esclarecido e orientações metodológicas de pesquisa de Bortoni-Ricardo (2008) e Gil (2009).

⁵ Português do Brasil como Segunda Língua (licenciatura).

O reconhecimento de si, do outro e pelo outro ao participarem de um coletivo entre ‘iguais’⁶ despertou a consciência de sua identidade, como observamos nos trechos retirados de suas narrativas sobre essa participação:

[1] Eu fui refletir sobre ser negro e ser “bixa” quando eu estive no ‘Negras Vidas’ e eles promoveram uma roda, que se eu não me engano o nome era ‘entre o objeto e o animal’, que era sobre a objetificação do corpo do homem negro gay, e da animalização do homem negro gay [...] e eu vi que eu não tava sozinho, e que muitas vezes minhas inquietações pessoais era meio que compartilhadas com eles, eu achei aquilo incrível! Foi algo muito bom. A partir dessa roda de conversa na UnB que surgiu o Coletivo Afrobixas” (Danilo - Entrevista).

[2] [...] E aí eu conheci os meninos, a gente super se entrosou, agora tô entrando na coordenação e a gente está aí... O coletivo tá se desenvolvendo, ao mesmo tempo em que eu tô me desenvolvendo enquanto negro, tô me sentindo mais negro, mais “bixa” (Malcolm - Entrevista).

Sobre esse reconhecimento identitário, Miskolci (2007, p. 16) afirma que “identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais”, o que é atestado pelas vivências relacionais dos entrevistados em um coletivo “por afinidades em processos de lutas ou de ideias” (COLETIVO DE AÇÃO SOCIAL, 2012), conforme os excertos [1] e [2] dos relatos coletados. Ademais, o reconhecimento desses participantes com a identidade de negro homossexuais – ou “bixas”, como preferiram se autodesignar –, trazendo consigo as experiências e dilemas vividos que somente essa identidade não hegemônica e interseccional poderia lhes proporcionar, sem vivências estanques (LORDE, [1983] 2009).

Uma das funções de um coletivo dentro de movimentos sociais é promover acolhimento e discussões políticas e sociais que contribuam para o empoderamento dos sujeitos (COLETIVO DE AÇÃO SOCIAL, 2012). Isso pode ser demonstrado na narrativa de **Danilo** sobre sua experiência nesse coletivo, conforme o seguinte excerto: [3] “assim como eu não era politizado, não era ligado a essas questões, muitas outras [pessoas] ainda não têm acesso, não têm essa consciência, e a gente tá nesse coletivo é pra isso, pra provocar essa consciência, né, de você tá se colocando como uma ‘bixa’, como negra e tá na luta, tá resistência [...]” (Danilo - Entrevista).

Também encontramos referências a esse empoderamento nos trechos da narrativa de **Malcolm**: [4] “eu nunca tinha visto tanta ‘bixa’ preta empoderada no mesmo lugar. [...] Você entrar num lugar assim e olhar a sua volta todo mundo preto, todo mundo ‘bixa’ é muito... Não sei, é muito... Apoteótico!” (Malcolm - Entrevista); e também:

⁶ A despeito de diferenças como classe social, níveis de escolaridade e residência no centro ou na periferia, os integrantes do coletivo reconhecem a si mesmos em um ponto em comum: sua identidade de negros e “bixas”, conforme deliberado em assembleia no dia 10 de abril de 2016.

[5] Por conta de [...] todas essas experiências que me deixavam uma pessoa muito insegura, eu não me sentia emocionalmente preparado pra entrar na UnB. [...] por conta do meu emocional suprido com as ‘afrobixas’, eu consigo melhorar meu intelectual; é uma cascata. Agora eu quero entrar na UnB porque eu quero fazer Cinema; meu sonho sempre foi fazer Cinema (Malcolm - Entrevista).

O sentido de ‘empoderamento’ utilizado pelos entrevistados em suas experiências coletivas no ‘Afrobixas’ corrobora o entendimento de Freire (1987, p. 29) sobre o fato de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Da análise intencional de correspondência entre “a percepção do objeto (*noema*) e sua apreensão subjetiva (*noesis*)” (SANDERS, 1982, p. 354, tradução nossa), surgem 1) a percepção de ser negro homossexual; e 2) o entendimento da experiência de ensino superior sob a égide dessa característica, ambos ligados ao momento anterior/posterior ao contato com o Coletivo Afrobixas proporcionado pelo ambiente universitário. Essa correspondência constituiria a ‘vivência’ dos indivíduos, isto é, “o que fica para o sujeito (Eu) de sua redução do objeto (fenômeno visado)” (RIBEIRO JÚNIOR, 2003, p. 14).

Considerações transitórias

No desenvolvimento desta pesquisa, a Fenomenologia e o método fenomenológico têm-se mostrado meios capazes de auxiliar nas dimensões subjetivas e sociais de comunicação, compreensão e interpretação no processo de construção do conhecimento e na percepção da realidade dos participantes, no que tange aos relatos ouvidos e transcritos.

As experiências narradas têm demonstrado que a dimensão opressiva em que vivem minorias sociais, como negros e pessoas LGBT, está para além de suas especificidades isoladas, correlacionando-se em diversos aspectos multidimensionais capazes de configurar um olhar mais apurado para suas vivências em uma sociedade ainda pautada por um consciente coletivo racista e homofóbico.

Nesse sentido, pressupostos anti-hegemônicos trabalhados no campo teórico e político e de ação social de maneira relacional, como os propostos pelo Movimento Negro e pela Teoria *Queer*, podem tornar-se uma alternativa viável para o empoderamento dos sujeitos em busca da justiça social, respeitando-se as diferenças.

Referências

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *Debates*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan-abr, 2012.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 13/04/2016.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 22/07/2016.

COLETIVO DE AÇÃO SOCIAL. *Como se monta um coletivo de base*. Marília: 2012 [online]. Disponível em: <<https://rizoma.milharal.org/files/2012/05/Como-se-monta-um-coletivo-de-base.pdf>>. Acesso em: 27/6/2016.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Chicago: Chicago Unbound, vol.1, article 8, p. 139-168, 1989. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>>. Acesso em: 13/7/2016.

FRASER, N. *Social Justice in the age of identity politics: redistribution, recognition, and participation*. Utah: Stanford University, 1996. Disponível em: <<http://www.tannerlectures.utah.edu/documents/a-to-z/f/Fraser98.pdf>>. Acesso em: 04/08/2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, A. F. Introdução conceitual para a ERER. In: MORAES, C. C. P.; LISBOA, A.S; OLIVEIRA, L. F. (Orgs.). *Educação para as Relações Étnico-raciais*. Goiânia: FUNAPE, UFG/Ciar, 2ª ed., 2012.

LORDE, Audre. *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2000a.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Trad. de Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000b.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007, n.º. 1, p. 1-19. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 06/07/2016.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFOP, 2015.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras: São Paulo, 2ª Ed., 1995.

RIBEIRO JÚNIOR, João. *Introdução à fenomenologia*. Campinas: Edicamp, 2003.

SANDERS, Patricia. Phenomenology: A New Way of Viewing Organizational Research. *The Academy of Management Review* 7. New York: Academy of Management, 1982, no. 3, p. 353-60. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/257327>>. Acesso em: 06/07/2016.